

Ata nº 1748

Aos dezoito dias do mês de dezembro de 1956, as 20 horas, reuniu-se a Câmara Municipal de Taquari. A sessão foi presidida pelo ver. Dr. Libório Fregapani e secretariada pelo ver. Osvaldo Gomes Junqueira, estando presentes

[fl.348]

ainda mais os seguintes senhores vereadores: Mario Ribeiro, Nardy de Farias Alvim, Dr. João Carlos Bizarro Teixeira, Roberto Clarimundo Conceição, Clovis Azambuja. Aberta a sessão foi lida e aprovada a ata anterior. O ver. Dr. João Carlos Bizarro Teixeira, depois da leitura da ata pede licença ao sr. Presidente para retirar-se do recinto. Passou-se a seguir a leitura do expediente que constou do seguinte ofício nº 235/56 da Câmara de Tapera, que envia indicação do vereador Varonil Costa, sobre a distribuição da taxa de transporte, ofício nº 237/56 da Câmara de Três Passos requerendo apóio ao projeto de lei denominado "Operação Brasil" - Ofício nº 236/56 da Câmara de São Leopoldo, enviando indicação do ver. Benno Kaefer – Ofício nº 238/56, do Presidente da Colonia Hungara – agradecendo as manifestações de solidariedade da Câmara Municipal de Taquari, para com o povo húngaro. Ofício nº234/56 da Câmara de Panambi enviando indicação do ver Arno Goldhardt, sobre a importação de banha em nosso Estado. Ofício nº 244/56 da Delegacia do Tesouro do Estado, comunicando o pagamento feito a esta Prefeitura – Ofício nº 241/56 da Camara de Pôrto Alegre – Ofício nº 239/56 do Presidente da República em resposta ao telegrama desta Casa, referente aos tiros de guerra. Telegrama do Gen. Henrique Teixeira Lott, também referente aos tiros de guerra. Ofício nº 242/56, do Sr. Enio Alvim de Moura, comunicando sua posse no cargo de inspetor Regional de Estatística

[fl.349]

no Rio Grande do Sul. Requerimento nº 57/56 dos vereadores Nardy de Farias Alvim e Mario Ribeiro, para que se oficie ao sr. Secretario da Fazenda, no sentido de que seja instalado em Bom Retiro do Sul um pôsto de arrecadação da Secretaria da Fazenda. O que foi aprovado. - Requerimento nº 58/56, dos vereadores Mario Ribeiro e Nardy Alvim para que se oficie ao Sr. Secretario de Educação, no sentido de que seja incluído, no plano de obras do Estado, para o ano de 1957, varios melhoramentos em nossa cidade. O que foi aprovado – Requerimento nº 59/56, dos vereadores Mario Ribeiro e Nardy Alvim para que se oficie ao sr. Secretario de Educação, no sentido de que seja ampliado o Grupo Escolar Otavio Augusto de Faria em Bom Retiro do Sul, o que foi aprovado: - Requerimento nº 60/56, do ver. Nardy Alvim e outros para que fique consignado em ata um voto de louvor, de admiração e felicitações ao nosso brilhante conterrâneo e colega Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, pela maneira brilhante, energia e capaz com que dirigiu os trabalhos da recente reunião de Prefeitos e Vereadores, que se realizou em Porto Alegre, o que foi aprovado por unanimidade. Pedindo a palavra falou a seguir o ver. Osvaldo Gomes Junqueira, dando ciencia a Casa do que ocorreu durante o congresso dos Prefeitos e vereadores, na Capital do Estado e se congratula com os resultados obtidos com o referido congresso, destacando a atuação profi-

[fl.350]

cua, do nobre vereador Dr. Adroaldo Mesquita da Costa na presidencia dos trabalhos daquela reunião. Requerimento nº 61/06 dos vereadores Mario Ribeiro e Nardy Alvim, para que sejam feitos reparos no trecho da estrada que vai do "Rincão dos Martins" ao povoado "Julio de Castilhos" aprovado. Não houve matéria em Ordem do Dia. Passando as explicações pessoais, fala o ver. Mario Ribeiro, sobre os beneficios que trará ao nosso municipio a nova forma de distribuição da Taxa de transporte, recentemente discutida no congresso de Prefeitos e Vereadores, e requer fique constado em ata um voto de louvor ao sr. Prefeito Municipal pela maneira e atenção como assistir os trabalhos do Congresso Municipalista, e também ao ver. Dr. Adroaldo

Mesquita da Costa, que indicado por unanimidade, para presidir aqueles trabalhos, elevou o bom nome de nossa terra, o que foi aprovado por unanimidade. O ver. Clovis Azambuja, fala sobre os benefícios que trará aos municípios, os empréstimos que estão sendo realizados entre os municípios gauchos e os Estados Unidos, e sugere que o ver. Nardy Alvim comunique-se com o ver. Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, para que ele interceda junto as autoridades competentes a-fim-de que nosso município seja também contemplado com esses empréstimos, dando-se ciência disso ao sr. Prefeito Municipal, o que foi aprovado o ver. Nardy de Farias Alvim, requer fique [fl.351]

constado nos anais da Câmara os artigos publicados em jornais do nosso Estado, referentes ao sr. Othelo Rosa o que foi aprovado, os artigos são os seguintes: “Editado em Diário de Notícias do dia 5 de dezembro de 1956”. “Othelo Rosa”. Há vidas humanas que gostaríamos não se extinguíssem. Valem tanto para nós, são tão preciosas à sociedade, constituem tão exatos padrões para o aferimento dos pesos e medidas dos valores humanos, que nos sentimos inseguros e vacilantes diante da simples hipótese de perdê-los ao nosso convívio. Fugimos das nossas dúvidas em face do destino, para nos refugiarmos em uma falsa certeza de que nossos anelos[?] coincidem com os de Deus. E quando a realidade nos acorda para o transe da separação – como fêz ontem ao Rio Grande do Sul com a morte de Othelo Rosa – a comunidade inteira, a sociedade organizada, os fundamentos culturais, e moraes ao povo experimentam mesmo uma sensação de frustração, que a todos desola e entristece. É difícil elogiar a um morto como Othelo, que não viveu uma vida de ostentação, que não exibiu suas imensas virtudes aos aplausos fáceis. E por ser difícil elogiá-lo, talvez façamos com isso o melhor dos elogios que êle próprio desejou na sua modestia, no recatado recolhimento em que se refugiou nestes últimos 25 anos de vida brasileira. As imposturas poéticas dessa fase convulsiva do país excluíram Othelo dos quadros dos homens atuantes no cenário público. E como não somavam valores os impostores do dia, mas os diminuiam, pouco se lhes importava que perdes- [fl.352]

se o Brasil com a exclusão se êles subiam baixando e expurgando os grandes, os realmentes grandes. Mas as elites sentiram falta de Othelo Rosa na vida pública, copmo de resto, amargam melancolicamente a sentença de banimento que ainda pesa sôbre muitos outros expoentes legítimos do nosso povo e de nossas tradições. Vai contado, em outro lugar, o que fêz Othelo, para os seus contemporâneos, e para a posteridade rio-grandense, de sua existência fecunda de exemplos. Nestas linhas, registramos o nosso testemunho e não exato por insuficiente ao menos sincero e devido a um cidadão rio-grandense que não tinha espada, não exercia poder temporal algum, não estava vinculado nem submisso a nenhum círculo de interesses transitórios e, por isso mediocres. Êle estava acima. Muitas vêzes acima, porque subira pelas escalas da inteligência, da cultura, para a claridade superior dos espíritos eleitos. Primeiro foi o jovem ardoroso, que escolhera o caminho natural de seu temperamento e de sua vocação irrefreável de servir a comunidade – a política. E na política foi até onde, bem servir ao povo era um ideal do político. Na Assembléia Legislativa, como parlamentar. No Executivo como funcionário que serve ao povo e não ao Executivo, como, digo, que serve ao povo e não ao Estado Tirano e frio, usurpador e [ilegível]. No jornalismo, como pregador[?], como crítico dos costumes, como orientador, como santelmo nas noites a paixão e de incertezas na rota da nau do Estado. Primeiro Secretário de Educação, foi êle próprio educador primeiro [fl.353]

porque lançou as bases de um quadro de educadores que honram e enaltecem, orgulham e enobrecem o Rio Grande do Sul. No Instituto Histórico, era o pontífice que fazia da nosa existência pregressa como povo e com nação, como Estado e como

Organismo Político, uma permanente lição sabia e experiente, para guiar, com segurança e lealdade, as gerações de hoje e de amanhã. Como prestante cidadão da comunidade, onde foi que Othelo Rosa não deixou uma semente de seu espírito germinando nas consciências limpas para as quais êle ajolava[?]? Orador que sabia tirar dos primores da linguagem as formulas da logica com que convencia, com que ensinava, com que orientava, sem pretensão, sem afetação, sem dogmatismo, mas com bondade, com ternura, com beleza. E êle que era o impeto, que era a loquência, que era a torrente, que era o verbo. No Rotary, quem o terá superado na fidelidade aos mandamentos dessa associação de homens livres e de boa vontade que se unem – pela aspiração de se aprimorarem mutuamente, que atua na comunidade pelo só ideal de servir sem pensar em si? Sim, está de luto o Rio Grande. Desaparece um dos seus grandes homens. Uma das melhores e mais lúcidas inteligências do nosso povo, Se, Othelo Rosa vivo, empobrecemos. Com Othelo Rosa exemplo, com Othelo Rosa, modêlo de cidadão, padrão de homem de cultura – que embebeu sua riqueza intelectual nos melhores e mais genuinas fontes de ensinamento de um povo que são sua história e o seu folclore – com a vida de Othelo [fl.354]

Rosa, embora ceifada antes que dissemos a Deus o nosso precioso consentimento para levá-lo de nosso convívio, ficamos ricos com sua herança. Ele que viveu e morreu pobre de bens materiais, deixou a todos os que o queriam, os que o conheciam, os que com êle conviveram, a todos, sem exceção, ricos, muito ricos”. Esta é a nossa mensagem de despedida ao grande rio-grandense. E um chamamento ao povo gaúcho para qu o relembre, o recorde, e o siga. Êle desejava para seu povo, um destino acima do mal. - “Editado no Correio do Povo do dia 9 de dezembro de 1956” “O Gaúcho do Coração Fiel” - Erico Veríssimo – A noticia me chegou no meio da clara manhã: “Otelô Rosa morreu” Corri à casa do amigo morto e encontrei-o estendido na cama, todo vestido de escuro, preparado para a tremenda e misteriosa cerimônia. Estava pálido e quieto, de mãos e pés amarrados. Só a morte poderia ter imobilizado assim o incasável lutador. Era curioso, mas só agora eu compreendia o quanto eu o estimava – tarde , tão tarde! Mireio com tímida e afetusa fixidez, sentindo-me exatamente como me sentira um dia, na velha cidade de Cuzco, a quase quatro mil metros de altitude: O coração apertado, a respiração curta, as pernas bambas, como de papel. A idéia de que o homem não chora – essa velha superstição do Rio Grande – ajudava-me a reprimir as lágrimas. Eu queria encarar aquela perda com espírito filosófico. Finalmente senhores, isto mais cedo ou mais tarde tinha de acontecer, pois, como ninguém ignora, o

[fl.355]

preço da vida é mesmo a morte. E êste cidadão, acreditem, vivem intensamente como poucos. É possível que nem todos vocês saibam ou se lembrem... Claro, os moços não podem lembrar-se talvez os velhos não queiram... Uns verão nesse homem agora silencioso e imóvel o artista da palavra, o historiador. Outros o chefe de família, o afetuoso pai, o terno avô. Haverá quem recorde principalmente o político de idéias firmes ou o zeloso funcionário. Pois êle foi tudo isso e muito, muito mais. Foi um homem integral. Confeço que houve tempo em que não lhe tive muita simpatia. Foi na época em que para mim Otelô Rosa era apenas um nome a subscrever os editoriais da “Federação”. Eu lia através do meu lenço vermelho de assistista. Otelô defendia o homem e as idéias que combatíamos, atacando as idéias e o homem que tanto prezávamos. Nem assim eu podia evitar de sentir pelo que êle escrevia uma certa fascinação. Muitos anos mais tarde vim a conhecê-lo pessoalmente. Mas só agora diante de seu corpo sem nada, é que eu podia contemplar na sua inteireza. Porque essa compreensão das criaturas não é obra de lógica, mas da mágica. Não vem do cérebro, mas do coração. É uma espécie de estado de graça. Eu olhava para o amigo

morto e recordava... Via-o a andar de um lado para outro, esguio, agudo e flexível como uma espada. Ouvia a voz de grave metal com que êle dizia cousas que podiam ser ao mesmo tempo sérias e [pícaras]. Quantas vêzes aquêle homem me parecera um piá de estância que crescera

[fl.356]

demais? Mas quantas outras vêzes o seu porte militar me levava a imaginá-lo metido num uniforme, espécie de cruza entre Simão Bolívar e Bento Gonçalves? Veio-me à mente um de nossos encontros. Otelo acabava de ler “O tempo e o Vento”. Abraçou-me e logo depois, recuando dois passos bruscamente, como quem vai puxar a espada para um duelo exclamou: - Olha, seu poeta, li o teu livro. Como romance não tenho nada contra êle. Mas como História, tem lá muita coisa com que não concordo. Vou te meter o pau! Falava o historiador. Mas logo em seguida entrou o piá, pois Otelo, agitado, começou aquela sua espécie de dança pernilonga, soltando risadas, com vivos movimentos de cabeça. Em seguida se foi, porque não era homem de ficar muito tempo num lugar só (a não ser que fôsse a repartição ou a sua casa, entre parentes, livros e lembranças). Era um homem franco como poucos tenho conhecido. A gente tinha a impressão de que enquanto Otelo Rosa estivesse vivo e válido, tudo estaria garantido nos arraiais da História do Rio Grande, e cujas portas êle montava incessante guarda, impedindo a entrada de fariseus e filisteus. Detestava tudo quanto fôsse postiço ou “[ersatz]”. Compreendia como poucos que bombacha não é adjetivo, mas substantivo comum. Proclamava aos quatro ventos que não era preciso inventar um folclore para um Estado como o nosso que já possui um tão rico e puro. Se eu tivesse de escrever um ensaio sôbre Otelo Rosa, trataria de contar a sua bela aven-

[fl.357]

tura em muitos mundos, mostrando nele o artista, o político, o historiador, o homem de acentuadas virtudes cívicas, o humorista, chefe de família, o amigo. Não creio que tivesse a menor dificuldade na busca dum título para o livro. Eu lhe chamaria: “O gaúcho de Coração Fiel”. Porque Otelo Rosa foi principalmente isso: um homem fiel a si mesmo, às políticas e as outras – aos seus companheiros, do Rio Grande... E agora ali estava, frio e parado, aquele coração fiel que em breve ia ser plantado no chão de Taquari que êle tanto amara. Entre encabulado e comovido, mentalmente pedi perdão a Otelo Rosa por muitas coisas. Por não tê-lo procurado mais vêzes. Por não tê-lo Compreendido melhor. Por não tê-lo querido mais”. Publicado no Correio do Povo do dia 18 de dezembro de 1956. “Otelo Rosa” - Nestor Azambuja Guimarães - “Ao primeiro instante da triste notícia, dentro da manhã luminosa, fizemos uma tentativa para repelir, mentalmente, a idéia que nos arrastava para um sentimento profundo de pezar: morreu Otelo Rosa. Pouco depois, já na residência do morto ilustre ao lado da esposa amantíssima, se nos deparava, interriçado na morte, a grande figura que tanto engrandecera a cultura do Rio Grande. Desaparecia o amigo preclaro, com a subitaneidade do raio, deixando um vácuo impreenchível nas letras de nossa terra. A valorização intelectual de Otelo Rosa, feita de impulsos, e em que predominou um superior autodidatismo, que não foi apenas

[fl.358]

esfôrço bem dirigido porque foi iguamente o resultado de faculdades criadoras de seu magnífico talento, haveria de conduzi-lo a uma obra de pensamento de indiscutível consciência. Não é possível fixar as diretrizes de sua orientação mental, nem os domínios em que ele se destacou como escritor porque a sua [ilegível], o sentido especulativo de sua cultura não subjugou jamais a idéia à determinada direção. Nem por isso entre o ficionista, o historiador, o conferencista, o orador e polemista político, o jornalista, enfim, em processos tão vários de expressão, em que êle esgrimou com maestria sua pena, o conteúdo ascendente do polemista e do doutrinador deixa de apresentar para nós uma claridade de princípios que singularizou uma individualidade,

com extraordinários elementos de composição, encarnando, ao mesmo tempo, a firmeza de um ideal que mergulhava suas raízes na seiva viva das mais profundas convicções. Recordá-lo nesses lances que marcaram, no passado, um roteiro político dos mais agudos e agitados, em nossa terra, é reviver a própria vida cívica do Rio Grande, tão poderosa foi a corrente de princípios que religou fatos e acontecimentos recolhidos já aos domínios da nossa história. Nessa esfera, aos embates da luta política, estruturou um obra jornalística de flego, com um processo pertinaz de combate e de idealismo. Um dia, porém, sem se esperar, silenciava para sempre a pena mordaz

[fl.359]

do polemista, que resumia, em conceitos candentes, fatos e acontecimentos que envolveriam o antagonismo de atitudes políticas. Os rumos do jornalista, com os largos recursos de estilista que foi, sofreram apenas uma mudança de direção, porque Otelô Rosa, atraído pelo romance e pela história, retomava, a seguir o fio de suas atividades intelectuais, com a mesma bravura e o mesmo grande destino do homem de pensamento. Não lhe posso fixar o perfil que vem da infância ou da juventude, mas, ouvi, algures, que a terra taquariense, que fora sua terra de coração, teria sido também inspiração do escrito e do poeta. Bebera-a na quentura daquelas tão lindas paisagens bucólicas, entrecruzada pelo casario açoriano. As determinantes psicológicas, dentro daquele cenário de sonho, dera-lhe esse traço sentimental de que se revestem algumas de suas criações espirituais. Largas evocações não o libertaram jamais de velhas imagens recolhidas, primeiro em sua mente infantil, e depois, na juventude, vindas do fundo [esbatido] das suas reminiscências. Ao murmúrio amorável dessas recordações, renovava sempre e ainda não faz muito tempo suas grandes caminhadas em todas as direções da legendária cidade açoriana, como a procurar no amago daquela terra generosa um pedaço perdido de sua própria alma. Esse amor intenso pela histórica cidade, ele o traduziu, durante sua vida, com devoção de ternura, tudo fazendo com o melhor do

[fl.360]

se afeto e da sua dedicação. Somos testemunhos do que êle realizou, principalmente no campo da instrução, lá tendo construído como Secretário da Educação, uma das melhores unidades escolares do Estado – a Escola Normal Pereira Coruja – servida por uma [pleiade] de educadores que honra o magistério rio-grandense. Com doação de seu bolso, e com aquele carinho que foi traço admirável da personalidade, [ilegível] essa mesma escola com moderno gabinete dentário. E manteve, também, por muitos anos e até sua morte, com a autoridade da sua palavra e da sua experiência em ensinamentos preciosos a infância, o [ilegível] do “melhor companheiro”, além de outros serviços e benefícios prestados reiteradamente à terra taquariense. Homem de sentimentos profundos, aprendem a amar a vida com simplicidade. Legou um exemplo de firmeza e de dedicação, de ideal com que honrou a casa pública. Engrandeceu-se, por isso, por que o seu evangélico cívico tinha a força de virtudes raras. Na boa ou na má fortuna, não se quebrantava o seu [ilegível]. E êle predicava patriotismo como um mestre de perfeição cívica e que tinha o culto arraicado do patriota, com essa eloquência tranquila de quem sabe sempre onde estão as grandes verdades. Já está naquela insinuante colina verde do Cemitério Municipal de Taquari, dominando o seu sono indespertável. Era o seu desejo irreprimido.

[fl.361]

Pode-se gravar na pedra branca do seu túmulo: Rio Grande, em Taquari, terra que te honra, volta ao teu seio a soberba Figura do lidador que tanto exaltou teus feitos e tanto amou tua raça incomparável” - As 23 horas o Sr. Presidente encerrou a Sessão convocando duas sessões, uma fará o dia 21 e outra para dia 28 do corrente as 20 horas, do que para constar foi lavrada esta ata vai assinada na forma regimental.

Libório Fregapani
Oswaldo Gomes Junqueira
Clóvis Azambuja
[ilegível]
Roberto C. Conceição
Nardy de F. Alvim
[fl.362]